

‘O BC precisa de um árbitro’

CRISTINA BORGES

A semana terminou com o dólar valendo 44,46% mais que o real e acumulando uma sangria de US\$ 5,2 bilhões nas reservas cambiais do país este mês. Pela primeira vez, desde 1947, a cotação do dólar no país fluiu ao sabor do mercado, num efeito ioiô que provocou nervosismo globalizado.

Quando a cotação do dólar bateu R\$ 1,80, na quinta-feira, a estimativa do mercado sobre a necessidade de desvalorização do real a R\$ 1,60 começou a fazer parte do passado. A grande dúvida que se instalou foi se o país havia ingressado num perigoso descontrole cambial. A maioria dos economistas afasta essa possibilidade, apontando saídas diferentes para encontrar um ambiente mais tranquilo.

“O que estamos assistindo é a crônica de uma morte anunciada”, desabafa o professor Carlos Ivan Simonsen Leal. Ele critica a condução da política econômica sob a ótica heterodoxa, com graves riscos de lançar o país numa brutal recessão. “Há quatro anos, o governo vive à custa da liquidez internacional e desde 1986 está parando o desenvolvimento do país. Chega de heterodoxia. O Brasil precisa de quem entenda de economia”, dispara.

As bruscas oscilações do dólar mostram que o sistema financeiro entra no mercado nas posições comprada e vendida, sem conseguir arbitrar taxas, acrescenta Simonsen Leal. Ele identifica a falta de vendedores na restrição do Banco Central à venda de dólar no mercado futuro, limitado pelo volume de operações na ponta de compra. “O BC precisa deixar entrar um árbitro no mercado”, defende.

A forte instabilidade do câmbio, diz Simonsen Leal, “cheira início de descontrole”, mas ainda possível de reverter. Na sua opinião, são fundamentais a não-contaminação da desvalorização à inflação, resultados rápidos das reformas fiscais e cuidado com a política monetária.

Bobagens – O presidente do Morgan Stanley, Francisco Gros, descreve totalmente um descontrole cambial. “Esse conceito não existe. O país não desapareceu, continua a existir com capacidade produtiva. O que há é simplesmente gente muito nervosa, perdendo dinheiro”, afirma. Num início da liberação do câmbio, continua, há forte elevação da taxa para depois voltar. “Fora isso, é chororô de perdedor”, ironiza.

“As próximas semanas serão bastante confusas, porque o mercado fi-

nanceiro percebeu que não há ajuste fiscal”, contraria Cláudio Contador, professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro e consultor de empresas. A economia brasileira continua vulnerável e o ajuste fiscal não se sustenta além de junho, alerta. A seu ver, o anúncio do governo sobre controle de preços foi a pior declaração que podia ser dada, porque conduz a uma remarcação preventiva com impacto direto no aumento da inflação. Ele concorda que não há perda de controle cambial, mas que o governo precisa parar de falar “bobagens”, evitar a queda das reservas, aumentar as exportações e sanear a conta das importações.

Reinaldo Gonçalves, também titular da UFRJ, atribui a instabilidade cambial a taxas diárias de *zeragem* de posições futuras do mercado. “Falar em busca de taxa de equilíbrio não tem nem pé nem cabeça, porque isso só existe com estabilidade”, afirma. Ele lembra que o país tem um déficit crônico do balanço de pagamentos, próximo a US\$ 60 bilhões este ano. Como há escassez de dólares, diz Gonçalves, é necessário um controle sobre a quantidade de bens e serviços importados e sobre a entrada e saída de capital externo, sob o risco de “o último passo ser a moratória”.